

## Memória

# DÉCIO, ANTES DE TUDO UM CRÍTICO TEATRAL

Clovis Garcia

Professor Emérito (aposentado) da Escola de Comunicações e Artes da USP

Fotos: Agliberto Lima/AE





Com a morte de Décio de Almeida Prado — ocorrida a 3 de fevereiro deste ano — desaparece aquele que entre nós, os críticos, era denominado “o Papa da Crítica Teatral”, com certa dose de brincadeira mas com grande fundamento na realidade. De fato, foi Décio quem estabeleceu na imprensa brasileira o conceito antigo de que a crítica de Arte, na qual se insere a teatral, é uma obra literária, com princípios próprios, que exige conhecimentos e preparação específicos. Por esse conceito, a crítica teatral passou a ser respeitada nos jornais e revistas nacionais, com um espaço adequado. O seu falecimento se dá no momento em que a nossa imprensa confunde crítica de Arte com reportagem, improvisa críticos teatrais e reduz o espaço destinado à crítica.

Décio de Almeida Prado foi um espírito polivalente: formado em Filosofia e em Direito pela USP, foi professor, cronista, ensaísta, historiador e, antes de tudo, um crítico teatral que, além do mais, tinha a experiência de ator e diretor de teatro. Aliás, a Faculdade de Direito, na época, exercia a função que hoje cabe às escolas de comunicação, dando abertura para várias atividades culturais, especialmente artísticas. Não foi por mero acaso que o Departamento de Artes Cênicas da ECA tinha, no seu início, sete professores bacharéis em Direito.

Dos quatro estilos de crítica teatral, numa classificação que nos

parece operacional dentro de tantas outras, a crítica filosófica, que acentua a discussão estética da obra de Arte; a crítica literária, que se aproxima da crônica; a crítica didática, de caráter pedagógico e linha humanística; a crítica jornalística, que tem como principal objetivo a informação, Décio adotou um estilo eclético, que participava de todos os quatro tipos. Com sua formação filosófica não deixava de analisar esteticamente os espetáculos, especialmente os textos dramáticos; como ensaísta e cronista, suas críticas tinham uma excepcional qualidade literária. Como atuante na imprensa, não deixava de exercer a função informativa e como professor, suas críticas não deixavam de ter caráter didático. Por essas características, suas críticas, felizmente publicadas em três livros, o que as salvou da temporariedade do jornal, até hoje servem de modelo e objeto de estudo, além de fonte histórica.

A crítica tem pelo menos cinco funções importantes, pelo menos no Brasil. Em primeiro lugar, a crítica deve traduzir, para o público, os significados do espetáculo, esclarecendo e objetivando sua temática, suas qualidades artísticas, o que foi realizado de suas intenções. Em segundo lugar, num movimento inverso, a crítica vai informar aos realizadores o que eles conseguiram transmitir ao público. Neste caso, o crítico é um espectador privilegiado, que conhece o assunto e pode dar um excelente *feed-back*. Em terceiro, a crítica exerce a função de registro histórico, função hoje quase inexistente

pelo reduzido número de espetáculos criticados. Em quarto, e esta é uma função característica do Brasil, os críticos podem e devem participar de comissões julgadoras de concursos, prêmios, festivais, do planejamento e do incentivo à distribuição de incentivos. De fato, o crítico é ao mesmo tempo desinteressado porque não produz espetáculos teatrais e profundamente preocupado com o desenvolvimento do teatro, objeto de sua atividade artística. Finalmente, uma quinta função é a de, com seu conhecimento e experiência, tornar-se um teorizador da arte teatral e um divulgador cultural, publicando artigos, ensaios e livros.

Décio de Almeida Prado bem compreendeu essas funções da crítica teatral e as exerceu até ao extremo de suas possibilidades. Suas críticas tinham não somente a qualidade de informar, esclarecer, instruir o público mas também, dentro de um critério objetivo, fundamentado, respeitoso mas sem concessões, esclarecer os criadores do espetáculo. Quanto ao registro histórico, seus três livros de crítica “Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno”, “Teatro em Progresso” e “Exercício Findo” são uma fonte preciosa de pesquisas históricas do nosso teatro, não só o paulista mas também o brasileiro e até estrangeiro. Com relação à teorização e difusão cultural, seus outros livros de história, de ensaios e de crônicas cumpriram essa função dentro de um nível de alta qualidade.

Mas uma função da crítica, que não tem sido suficientemente considerada, é a da participação em

***Décio bem compreendeu as funções da crítica teatral e as exerceu ao extremo de suas possibilidades. Suas críticas não só instruíam o público mas também, dentro de critério respeitoso mas sem concessões, esclareciam os criadores do espetáculo***



comissões e outros órgãos culturais e que foi amplamente exercida por Décio. Podemos destacar duas, que testemunhamos pois tivemos a oportunidade de trabalhar junto com Décio: a primeira foi a organização e a integração dos críticos teatrais de São Paulo, com a transformação da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, Seção de São Paulo, entidade caudatária do Rio de Janeiro, em Associação Paulista de Críticos Teatrais, a famosa e atuante APCT, de saudosa memória, que teve importante ação cultural e política, agindo em prol do desenvolvimento do teatro brasileiro, enquanto existiu até se diluir na atual APCA. A primeira diretoria da então nova entidade tinha como presidente Décio (éramos primeiro secretário) e imediatamente passou a atuar em todos os setores do nosso teatro.

A outra atuação de Décio de Almeida Prado foi na criação da Comissão Estadual de Teatro que

teve uma grande, importante e fundamental ação na criação, organização, planejamento e distribuição dos incentivos estaduais — obrigação do Estado e para isso pagamos impostos — e que foi responsável pelo enorme desenvolvimento do teatro em São Paulo e pela sua defesa, bastando lembrar o período de Nagib Elchmer, caracterizado pela atenção dada ao Teatro Amador, celeiro de todo o teatro, e o de Cacilda Becker, no período negro da ditadura militar, por se tornar no centro de resistência e de defesa da classe teatral. Em 1956, verificando que o Estado distribuía verbas, sem nenhum critério, a APCT, da qual faziam parte Décio (no momento éramos presidente), Miroel Silveira, Mattos Pacheco, Hermilo Borba Filho, Sábato Magaldi, Delmiro Gonçalves, Mariajosé Carvalho, decidiu solicitar ao então governador Jânio Quadros a criação da Comissão Estadual de Teatro, pa-

ra planejar a atuação do Estado nessa área artística. Aproveitamos, também, para pedir o uso dos teatros existentes nos edifícios de estabelecimentos de ensino estaduais e a criação de uma carteira de financiamento ao teatro no Banco do Estado. Obtivemos a aprovação dos pedidos e ficamos encarregados de redigir os decretos referentes às duas primeiras solicitações, o que foi feito. A Comissão Estadual de Teatro, hoje infelizmente numa situação apagada, foi criada pelo Decreto Estadual 26.348 de 31 de agosto de 1956, fazendo parte da primeira Comissão Décio de Almeida Prado que seria, posteriormente, seu presidente, realizando grandes ações a favor do teatro, bastando lembrar a extensão do prêmio Governador do Estado e a democratização das subvenções.

Como se vê, Décio de Almeida Prado foi um grande homem de Teatro! RA